

CONVERSANDO COM SPINOZA

ROBERTO LEON PONCZEK *

Depois de um longo voo do Rio de Janeiro até Amsterdam pernoitei num *hostel* de estudantes à beira do grande canal, onde aluguei um minúsculo quarto, no qual mal cabiam a cama e uma cadeira, menor até dos que Van Gogh pintava; a janela era uma escotilha de navio que só abria alguns centímetros para fora, dando vista para um pátio interno, onde jovens jogavam videogames. No dia seguinte, pela manhã, já refeito do longo voo, mas ainda “comfuso” horário, depois de atravessar de balsa o canal que separa o bairro Noord do resto de Amsterdam, caminhei para a estação de trem e embarquei para uma jornada até Leyden, passando pelas cultivadas planícies baixas da Holanda, da janela vi seus famosos campos de girassóis que acompanham a trajetória do sol, que ainda brilhava apesar de que já estávamos no fim do outono.

Desci na estação da famosa cidade de Leyden, onde se descobriu o princípio do capacitor elétrico através de um artefato denominado de “garrafa de Leyden”, inventada acidentalmente em 1746 por Pieter van Musschebroek, professor da Universidade de Leyden, que armazena eletricidade em quantidade suficiente para provocar fortes descargas elétricas. De Leyden embarquei num ônibus que me levaria até o vilarejo de Rjnsburg, passando pela bela universidade onde se descobriu a garrafa, e cerca de meia hora depois, chego a Rynsburg, perguntando a um simpático jovem holandês onde ficava a *Spinoza Huis*, e este me informou que ainda restava-me fazer uma caminhada de cerca meia hora até meu destino. Caminhei por ruas vazias, ladeadas por belas casinhas tipicamente holandesas que

pareciam desabitadas. Ninguém por perto para confirmar a informação anterior. Seguindo as instruções recebidas, foi com grande emoção que avistei de longe a *Spinoza Huis*, o modesto casebre de tijolos aparentes que já conhecia de fotos, finalmente entrando na modesta casa do judeu excomungado Baruch Spinoza, que me ensinou a conhecer um Deus bastante diferente do que havia conhecido na Sinagoga. Fui recebido com muita gentileza por uma senhora holandesa com a qual consegui me comunicar em inglês. Expliquei-lhe que vinha do Brasil especialmente para conhecer o casebre onde Spinoza viveu. Ela me conduziu por uma estreita escadaria que levava ao sótão quase rente ao telhado que na forma de um agudo V invertido parecia ser uma águafurtada.

Neste exíguo espaço Spinoza, depois de expulso da Sinagoga Portuguesa de Amsterdam, vivia seu exílio lendo, estudando e polindo suas lentes num tosco torno de madeira movido por cordas acionadas por uma manivela. Aí viveu frugalmente o homem que foi banido por todas as religiões, inclusive a judaica, sendo excomungado pelo rabino Saul Moreira com quem estudara para ser ele próprio rabino e depois se desentendera por se negar a interpretar as profecias como revelações divinas. De fato, ele as percebia como discursos humanos, escritas com sintaxes e idiossincrasias linguísticas próprias de um hebraico de épocas datadas, entrando em rota de colisão com o misticismo exacerbado de uma comunidade de assustados *marranos* sefarditas fugidos da inquisição portuguesa. E hoje ele é considerado o pensador que tornou o conceito de Deus inteligível até para os mais cépticos cientistas. “*O Deus que acredito é o Deus de Spinoza, aquele que representa o equilíbrio e a Harmonia de todas as coisas, e não aquele que se ocupa em vigiar ou punir o que fazem os homens*” – dizia Albert Einstein. Abracei carinhosamente seu busto de bronze marcado

* Possui graduação e mestrado em Física pela PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-RJ) e Doutorado em Educação pela UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (FACED-UFBA). Professor Permanente no Doutorado Multidisciplinar Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, sediado na Faculdade de Educação da UFBA.

por pátnas do tempo e perguntei-lhe porque Deus não era o Criador como aprendemos na Torah e nas nossas rezas na Sinagoga. “*Deus não é criador das coisas, simplesmente porque cada coisa desde uma prosaica pedra ao ser humano é um modo finito de ser de Deus*” – disse-me ele num português arcaico como falado por Camões. “*Deus é a Natureza Naturante em ato contínuo de existência e transmutação em seus infinitos modos de ser*” – continuou ele a falar. “*A essência de Deus envolve a sua existência o que equivale a dizer que Deus existe necessária e suficientemente porque É*”, – explicou-me em seu belo sotaque lusitano aprendido, ainda no berço, com sua mãe, a judia portuguesa Hannah Débora Gomes Garcez.

– E o que são os atributos de Deus? – Insisti. “*São as formas com que se entende e percebe-se Deus, e elas são duas: a extensão e o pensamento*”.

– Isso significa que podemos perceber Deus através da nossa percepção do mundo material assim como podemos entendê-lo através das ideias que temos acerca dele? – Perguntei-lhe triunfalmente como se tivesse entendido sua definição e ele assentiu com a cabeça.

– Então Deus só possui dois atributos? – Arrisquei. – *Claro que não!* Exclamou ele de forma quase irritada. “*Nós humanos só O entendemos através dessas duas formas de entendimento, mas Deus possui infinitos outros atributos infinitos que não nos são perceptíveis! Lembre-se que somos apenas um modo de existência de Deus!*” – Concluiu ele com um tom mais professoral, como se falasse com um de seus alunos.

Pensei então em voz baixa, sem coragem para externar-me diante de tão severo mestre, que o universo tal qual o percebemos pelos atributos dos sentidos e da razão é apenas uma das infinitas possibilidades de percepção dentre infinitas existências de outros universos para nós inacessíveis e incompreensíveis.

Lembrei-me então das aulas de *Kabalah* que tive com Rabino Ysrael Bukiet no Beit Chabad em Salvador. Dizia-me ele que um Deus infinito para criar um Universo finito teve que se contrair desde a sua infinitude para a finitude da matéria. Essa contração a *Kabalah* designa por *tzintzum*. E nós humanos só percebemos Deus através das *tzimtzum*, como uma tênue luz que transpassa várias cortinas sobrepostas. Ficáramos cegos se olhássemos diretamente para Deus sem esses

anteparos ligeiramente translúcidos que filtram sua infinitude. Percebemos apenas palidamente Deus depois das *tzintzum*, ou seja, o percebemos depois de suas diversas contrações ao passar por cortinas filtrantes de seu infinito esplendor. Senti-me encorajado para perguntar a Spinoza se os atributos seriam as *tzimtzum* da *Kabalah*, mas a prudência mandou-me calar...

Pedi-lhe licença e fui visitar o restante de sua pequena casa. Consultei a lista de presença e verifiquei a visita de *Albert Einstein from Berlin* no caderno aberto sobre a mesa. Aproveitei para também deixar meu registro e assinei “*Roberto Ponczek from Rio de Janeiro*”. Consultei sua pequena biblioteca e também algumas edições de seus livros expostas num balcão de vidro. Lá pude constatar que o livro *Renati Des Carti, Principiorum Philosophie e Cogitata Metaphysica* foi publicado ainda em sua vida, onde ele se designou como *Benedictum de Spinoza*, que corresponde à latinização de seu nome hebraico original *Baruch* de Espinoza, assim como René Descartes foi latinizado para *Renatus Cartesius* ou *Renati Des Cartis*. Pensei se esse seu novo nome latinizado não seria uma forma de Spinoza romper totalmente com seu passado judaico.

Desci as estreitas escadas e no andar térreo consultei alguns manuscritos e sua pequena biblioteca. Chamou-me a atenção uma carta do Primeiro Ministro de Israel, David Ben Gurion, datada de 1956, dirigida a um certo H. F. K. Duglas, diretor da Spinoza Huis, que ora traduzo:

Prezado Sr. Duglas,

Existe um pequeno engano em sua carta. No meu artigo eu não pedi para anular a excomunhão de Spinoza porque tomei como certo que esta excomunhão há muito já está anacrônica e nula. O que pedi foi que a Universidade Hebraica de Jerusalém publique sua obra completa em hebraico, considerando-o o mais profundo pensador dos últimos séculos. E isso já está sendo feito pela citada universidade.

Em Tel Aviv já há uma rua com seu nome e não existe neste país nenhuma pessoa razoável que pense que a excomunhão deveria estar ainda em vigor.

Gostaria que me informasse quais são as despesas para a manutenção do túmulo de

Spinoza para que eu possa informá-lo qual será a nossa contribuição.

Respeitosamente,

D. Ben Gurion

Imediatamente ao ler essa carta corri de volta ao busto de Spinoza, dei-lhe um forte abraço e disse-lhe:

– Baruch, estás vendo que nós judeus esclarecidos te amamos e te consideramos um dos maiores pensadores de todos os tempos. Esquece esta ridícula excomunhão proferida por uma comunidade de judeus portugueses limitados, fanáticos e embrutecidos por séculos de perseguições e que jamais te poderiam entender, pois estavas muito à frente de tua época. Vê que no século XX o dirigente máximo de Israel, David Ben Gurion, considera nula a excomunhão a que te submeteram teus correligionários de Amsterdam e deu até o teu nome para uma das ruas de Tel Aviv, cidade nova que não conheceste. A tua obra completa já foi traduzida para a língua das Escrituras que tão bem conheces!

Espero que te sintas abraçado por todos nós judeus do século XX e XXI.

Baruch Ha Shem,

De um modesto estudioso de tua obra,

ROBERTO LEON PONCZEK



CONVERSATIONS WITH SPINOZA

After a long flight from Rio de Janeiro to Amsterdam I spent the night in a student hostel on the edge of the great canal, where I rented a tiny room, which barely had a bed and a chair, even smaller than Van Gogh painted; the window was a ship hatch that only opened a few inches outward, overlooking an inner courtyard where young people played video games.

The following day, in the morning, already redone from the long flight, but still confused about the time zones, after crossing the canal separating the *Noord* neighborhood from the rest of Amsterdam by ferry, I walked to the train station and embarked for a journey to Leyden passing through the cultivated low plains of Holland, from the window I saw its famous sunflowers fields that follow the trajectory of the sun, which still glowed even though it was late autumn. I went down to the station in the famous city of Leyden, where the electric capacitor was discovered through an artifact called the “Leyden bottle”, accidentally invented in 1746 by a certain Pieter van Musschebroek, a professor at Leyden University, who stored enough electricity to cause strong electric discharges. From Leyden I boarded a bus that would take me to the village of Rjnsburg, crossing the beautiful university where the bottle was discovered, and about half an hour later I arrived in Rynsburg, asking a nice young Dutchman where Spinoza Huis was, and he informed me that I still had to do a walk of about half an hour to my destination.

I walked through empty streets, flanked by beautiful small Dutch houses that seemed uninhabited. No one around to confirm the previous information. However following the instructions received, it was with great excitement that around the corner I caught a glimpse of Spinoza Huis, the modest brick-hut I already knew from photos, finally I entered the modest house of the excommunicated Jew Baruch Spinoza, who taught me to know a God quite different from that I prayed to in the Synagogues. I was received very kindly by a Dutch lady with whom I was able to communicate in English. I explained to her that I came from Brazil especially to meet the hovel where Spinoza lived. She led me up a narrow staircase that led

to the attic almost close to the roof, something in the shape of a sharp inverted V seemed to be a cockloft.

In this small space Spinoza, after being expelled from the Portuguese Synagogue of Amsterdam, he lived his exile reading, studying and polishing his lenses on a rough wooden lathe moved by crank-driven strings. In this humble place lived frugally the man who was banished by all religions, including Jewish, being excommunicated by Rabbi Saul Morteira with whom he had studied to be a rabbi himself, and with whom he had disagreed refusing to interpret the prophecies as divine revelations. In fact, he perceived them as human speeches, written with syntaxes and linguistic idiosyncrasies proper to a Hebrew of biblical dated times, entering into a collision course with the exacerbated mysticism of a community of frightened Sephardic *Marranos* fleeing from the Portuguese Inquisition. Nevertheless today he is considered the thinker who made the concept of God intelligible even to the most skeptical scientists. *“The God who I believe is the God of Spinoza, the one who represents the balance and Harmony of all things, and not the one who is concerned with watching or punishing what men do,”* said Albert Einstein.

I affectionately embraced his bronze bust marked by the stains of the time and asked him why God was not the Creator as we Jews learned in the Torah and in our prayers in the Synagogue. “God is not the creator of things, simply because everything from a prosaic stone to the human being is a finite mode of being of God,” he told me in an archaic Portuguese as spoken by the poet Camoes. “God is the *Natura Naturans* in continuous act of existence and transmutation in His infinite modes of being” – he continued to speak. “The essence of God involves His existence,” which is to say that God exists necessarily and sufficiently because HE IS, – Spinoza explained to me in his beautiful Lusitanian accent learned, still in the cradle, with his mother, the Portuguese Jewess Hannah Debora Gomes Garcez.

– And what are the attributes of God?” I insisted. “They are the ways in which one understands God, and they are two: extension and thought.”

– “Does this mean that we can perceive God through our perception of the material world just as we can understand God through the ideas we have about Him? I asked triumphantly as if I had understood perfectly his definition and he nodded.

“So God has only two attributes?” I ventured. – “Of course not”! He exclaimed almost irritably. “We humans only understand Him through these two forms of understanding, but God has infinite other infinite attributes that are not perceptible to us! Remember that we are only one finite mode of existence of God!” – He concluded in a more professorial tone, as if he was speaking to one of his students.

I thought in a low voice, without the courage to speak to such a severe master, that the universe as we perceive it by the two attributes of the senses and reason is only one of the infinite possibilities of perception among infinite existences of other parallel universes inaccessible and incomprehensible for us.

I then remembered the *Kabalah* lessons I had with Rabbi Ysrael Bukiet at the Beit Chabad in Salvador. He told me that an infinite God in order to create a finite Universe had to contract Himself from His infinity to the finitude of matter. This contraction is designated as *tzintzum* in the *Kabalah*. And we humans only perceive God through the *tzimtzum*, like a faint light that crosses several superimposed curtains. We would be blind if we looked directly at God without these slightly translucent bulkheads filtering out His infinity. We perceive only dimly God after the *tzintzum*, that is, we perceive Him after His various contractions as His light passes through curtains filtering His infinite splendor. I felt encouraged to ask Spinoza if the attributes would be the *tzimtzum* of *Kabalah*, but prudence told me to shut up ...

I asked him to leave, and I went to visit the rest of his small house. I checked the attendance list and checked the visit of “Albert Einstein from Berlin” in the open notebook on the table. I also used to leave my registration and signed “Roberto Ponczek from Rio de Janeiro”. I checked his little library and also some editions of his books on a glass counter. There I could see that the book *Renati Des Carti, Principiorum Philosophie and Cogitata Metaphysica* was published still

in his life, where he was designated himself as *Benedictum of Spinoza*, which corresponds to the Latinization of his original Hebrew name Baruch de Espinoza, just as René Descartes was Latinized for Renatus Cartesius or Renati Des Cartis. I wondered if this new, latinized name would not be a way for Spinoza to break completely with his Jewish past.

I went down the narrow stairs and on the ground floor I consulted some manuscripts and his little library. I was struck by a letter from the first Prime Minister of Israel, David Ben Gurion, dated 1956, addressed to a certain H. F. K. Douglas, director of Spinoza Huis of that time, which I now translate:

Dear Mr. H. F. K. Douglas,

There is a small mistake in your letter. In my article I did not ask to cancel the excommunication of Spinoza because I took for granted that this excommunication has long since been anachronistic and void. What I asked was that the Hebrew University of Jerusalem publishes his complete work in Hebrew, considering him the most profound thinker of the last centuries. And this is already being done by the aforementioned university.

In Tel Aviv there is already a street with his name and there is no reasonable person in this country who thinks that excommunication should still be in force.

I'd like you to let me know what the expenses are for the maintenance of Spinoza's grave so I can tell you what our contribution will be.

Respectfully,

D. Ben Gurion

Immediately as I read this letter I ran back to Spinoza's bust, gave him a big hug and said:

– Baruch, you see that enlightened Jews love you and we consider you one of the greatest thinkers of all time. Forget this ridiculous excommunication uttered by a community of limited, fanatical and brutalized Portuguese Jews for centuries of persecution and who could never understand you, for you were far ahead of your time. See that in XXth century, the Israeli leader, David Ben Gurion, regards as null and void the excommunication that your coreligionists submitted to you in Amsterdam and gave your name to one of the streets of Tel Aviv, a new city that you did not know. Your complete work has already been translated into the language of the Scriptures you knew so well!

I hope you feel embraced by all of us Jews from XXth and XXIth centuries .

Baruch Ha Shem,

From a modest reader of your work,

ROBERTO LEON PONCZEK

